

O FICIONÁRIO DE *O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO* DE MIA COUTO ¹

«Que eu tenha mentido, isso não aceito. Mas o que se passou só pode ser contado por palavras que ainda não nasceram.» (Assinado: O tradutor de Tizangara).

Mia Couto, *O Último Voo do Flamingo*

1. Quando Lewis Carrol faz Humpty Dumpty, uma personagem que se parece com um ovo, revelar a Alice ² a arte de fazer *palavras-malas* ³ estava, de certo modo, a legitimar a originalidade da criação linguística e a antecipar o fenómeno linguístico e prolífico da nossa época, sobretudo nos domínios da ficção e das novas técnicas.

Partindo do princípio geral que o arbitrário é a regra geral no signo linguístico e reconhecendo-se que a referência lexical ⁴, que se encontra fixada no léxico da língua, nem sempre chega para se operar nos discursos criativos, surge a necessidade de, por meio da neologia, “vocalizar” lexemas para os novos referentes criados. Na génese deste processo de criação há como que uma amálgama indissociável entre referência actual e referência virtual ⁵. Efectivamente, enquanto na actividade “normal” de enunciação se convertem os lexemas (referência virtual) em vocábulos (referência actual), ou seja, se converte a língua em discurso, na actividade “ficcional

¹ MIA COUTO – *O Último Voo do Flamingo*, Lisboa, Caminho, 2000, 2ª ed.

² Carol, L. – *Alice's adventures in wonderland*, New York, The Modern Library, 1948.

³ *Portemanteau word* em inglês e *mot-valise* em francês.

⁴ Correspondência entre uma palavra e uma coisa.

⁵ MILNER, J.-C. – *Introduction à une science du langage*, Paris, Seuil, 1989.

enunciativa”, o escritor procura construir palavras que, embora resultem de operações legítimas de afixação, de composição ou de truncção de lexemas da língua, só têm actualização e acepção exactas na representação do seu universo visionário. Daí estes vocábulos “literários” muito raramente se lexicalizarem.

É assim que, não encontrando no léxico da língua palavras para referir a realidade ficcional, isto é, palavras que correspondam às realidades de que são o nome na língua, de forma a estabelecer-se uma relação entre significação e designação, procura o ficcionista criar e integrar nos discursos novos vocábulos resultantes de operações várias: por derivação, por composição e mais especificamente por truncção e/ou co-predicação. À palavra, quando transformada por tais operações, associa-se simultaneamente um novo conceito, que se torna o significado do novo signo, e uma forma, que se torna o seu significante. E ao mesmo tempo que o novo vocábulo se inscreve no universo discursivo ficcional, o leitor assegure-lhe o seu devido reconhecimento.

Contudo, e por muito sábia que seja a formação do novo vocábulo, as diversas manipulações têm de chegar sempre a uma palavra cuja forma tem de respeitar a extensão assim como a estrutura silábica admitidas na língua em que se escreve.

2. Para melhor se compreender o funcionamento do *ficcionário* (ficção + dicionário), e neste contexto este termo é também uma palavra-mala, de *O Último Voo do Flamingo* há que considerar sempre o enunciado no qual o vocábulo se inscreve e no qual cobra sentido. Nesta perspectiva, esta obra apresenta-se rica aos vários níveis da neologia: neologia semântica em que se cria uma nova associação entre um significante existente e um novo semema, como se exemplifica na construção metafórica seguinte:

“(…) *estou vivendo apenas um rascunho, amanhando uns biscoitos de futuro*”, p. 156

ou neologia formal que consiste em associar um novo significado a um novo significante parcialmente alterado como acontece abundantemente com o recurso a expressões figuradas. Efectivamente, confronta-se o leitor, ao longo da obra, com desvios composicionais e componenciais da organização interna de tais expressões lexicalizadas que, a partir da manipulação, e por isso mesmo, deixam de o ser. O efeito semântico da operação é criar um neologismo a partir da conversão de uma quase mesma estrutura composicional, num outro sentido componencial. São vários os exemplos e várias as operações efectuadas, em especial a operação de oposição:

“(…) *desfazia trinta por uma linha*(…)”, p. 25;

“(…) *não fosse o diabo destecê-las* (...)”, p. 28.

neste caso, a transformação reside na adição do prefixo negativo ao verbo de base da lexia;

“(...) *meter os dedos pelas mãos (...)*”, p. 33;

“(...) *estrela de nenhuma pontas (...)*”, p. 51;

“(...) *calar-me com meus botões (...)*”, p. 124

nestes exemplos, a intencionalidade continua a ser o desencadeamento duma relação opositiva, mas centrada não no núcleo verbal por meio de prefixos, mas centrada em relações opositivas lexicais – *dedos* em vez de *pés*, *nenhumas* em vez de *cinco*, *calar-me* em vez de *falar*;

“(...) *metia o nariz* em assuntos que não chamavam ninguém (...)”, p. 137; neste último exemplo, a técnica da paráfrase permite ainda assim adivinhar o carácter opositivo entre uma parte da expressão idiomática “onde não era chamado” (*metia o nariz onde não era chamado*) e uma parte da “nova” lexia “em assuntos que não chamavam ninguém”. É de notar que a oposição se faz a nível não do posto (explícito), mas do pressuposto. A primeira expressão idiomática indica que *há interesse* em alguém “meter o nariz” mesmo que para isso não tenha sido solicitado; a segunda expressão recriada indica pressuposicionalmente que *não há interesse* de ninguém em “meter o nariz”, mesmo que para isso seja solicitado.

A criatividade linguística e arquitectural desta obra, como se depreende dos exemplos citados, reside, pois, no processo neológico assente na arbitrariedade do signo linguístico. Passa-se de uma forma composicional e componencial estabilizada na língua para formas composicionais e componenciais que só têm existência a partir da sua actualização no discurso. Estas operações de transformação exigem do leitor um redobrado processamento cognitivo: identificar o dado linguístico da língua no discurso; verificar as diferenças de significante; apreciar os efeitos de sentido; avaliar as consequências interpretativas.

Embora a criatividade linguística, nos seus aspectos semântico e formal, possa perceber-se como um processamento neológico composicional, a neologia não se limita a ela e, por isso, vai para além dela. A vertente composicional, da qual resulta o sentido lexical como o resultado da colecção de semas num semema, é pois um fenómeno de neologia resultante da conversão dum sentido composicional num sentido componencial. É também a este escopo que se confinará o estudo a empreender: o levantamento da neologia por composição e derivação.

Integrados no discurso, os neologismos indicam a atitude do(s) enunciador(es) (na figura de narrador e/ou na figura de personagem) a respeito do que ele diz ou pensa, ou respeitante à relação que cada um vai estabelecendo com os co-enunciadores através dos seus actos de enunciação. O facto de que todo o enunciado tem um valor modal, que ele é modalizado pelo seu enunciador, mostra que a fala

só pode representar o mundo através dos seus referentes se o enunciador, directa ou indirectamente, marcar a sua presença através do que ele diz. E é para marcar a sua presença e responder à necessidade de representar um “outro” mundo que se reclamam novas palavras. Os procedimentos de criação são vários.

2.1. O efeito da *palavra-mala*. De um ponto de vista linguístico, a palavra-mala é um neologismo composicional, criado a partir duma “síntese disjuntiva” de duas palavras que, em lugar de se sucederem linearmente se imbrincam e fundem as suas sílabas (normalmente homónimas e homógrafas) de maneira a, e quase sempre violando o interdito, formarem uma outra, como atesta Humpty Dumpty quando explica a Alice o significado de ‘lithy’: «Well, slithy means ‘lithe and slimy’. ‘Lithe’ is the same as ‘active’. You see it’s like a portmanteau-there are two meanings packed up into one word» (ed. cit., nota 2).

Por definição, uma palavra-mala só poderia fazer entrar nela duas palavras que exibissem um fragmento fónico e silábico comum como é o caso dos exemplos seguintes retirados da obra em apreciação:

“*Aquelas* ocavidades pareciam recém recentes (...)” p. 37
em *oca*vidades (*oca* + *cavidades*), há a fusão de *-ca* da palavra *oca* e do fragmento *ca-* da palavra *cavidades*;

“*O individuo se interpôs*, pedinchorão (...)” p. 103
em *pedinchorão* (*pedinção* + *chorão*) amalgamam-se as duas palavras a partir do fragmento comum *-ch-*;

“*Na rua, se amontoavam as gentes, num balbulício.*” p. 125
em *balbulício* (*balbúrdia* + *bulício*) as duas palavras tornam-se numa só a partir da fusão do fragmento *-bu-*, presente nas duas palavras base;

“*Você caminhava, timiudinho, faz conta um menino* (...)” p. 183
em *timiudinho* (*tímido* + *miudinho*) a sílaba medial da primeira palavra e o início da segunda são idênticos. O segmento comum *-mi-* é condição necessária para a criação da palavra-mala;

“(...) *por descargo de inconsciência: me converti num trejeitoso.*”, p. 174 em *trejeitoso* (*trejeito* + *jeitoso*) há a assimilação do segmento *-jeito-* do fim da primeira palavra e do início da segunda.

Mas, neste jogo criativo a “impertinência” vai mais longe e a formação de palavras-malas, cuja fusão se fazia pelo viés da fonia e da sílaba comum, vai fazer-se por outros modos, violando-se as regras da homonímia e da homografia. As

situações são várias, mas o predomínio vai para a fusão por uma espécie de paronímia fónica. Dos dois termos, por vezes conflituais, um submete-se ao outro e, assim, os semas reconciliam-se e os seus sentidos originais deslizam de um sentido a outro. A qualidade da aliança semântica realizada tem, de qualquer forma, de associar e organizar o novo conceito através do novo termo criado.

É assim que a palavra-mala *atopilada* (“- *Atropelada* ou *atopilada*?”), p. 17 – o conceito que esta nova palavra gera é fundamental em toda a intriga do romance) tem que possibilitar ao leitor uma descodificação simples, num caminho sem choques, de forma a reconstruir-se as suas componentes de base numa correspondência entre a estrutura subjacente composta pelas duas palavras completas (e ordenadas) e a estrutura constituída pela cadeia, tal como aparece em definitivo como palavra-mala. Só assim o leitor compreenderá todo o contexto ficcional em que estes termos se ancoram.

Sem recorrer à exaustão, outros exemplos de palavras-malas podiam ainda ser dados:

“(...) *ele notou a capulana mal presa em redor da canchromida* (cancro + carcomida) *vizinha*.” p. 41;

“*E lá me encimava na proa, ondarilhando* (onda + andarilho) *por aquelas águas*”. p. 52;

“*O moço, cabisbruto* (cabisbaixo + bruto), *negou com a cabeça*.” p. 67;

“*Saltitava, cabritroteava* (cabrito + trotar).” p. 70;

“*E logo ele, predispronto* (predisposto + pronto).” p. 88;

“*Até me chamou belzeburro* (belzebu + burro).” p. 98;

“*Precauteloso* (precaução + cauteloso), *disso eu mantinha minhas dúvidas*.” p. 114;

“*Ele ali estava, reiclinado* (rei + inclinado) *no velho cadeirão*.” p. 136;

“*E assim fizeram, iluaminados* (lua + iluminados), *dando seguimento à confecção do menino*.” p. 167;

“(...) *o tipo rebentou-se, todo estampifado* (estampado + espatifado).” p. 185;

“*Aquele vivente se tinha espatifurado* (espatifado + furado) *sem vestígio*.”, p. 185;

“*Ficou ali esparramorto* (esparramado + morto), *igual uma massa suspirosa* (...)”, p. 215, etc.

A estas novas unidades denominativas, uma vez que partem da fusão de outras unidades da língua, é-lhes assegurado um reconhecimento colectivo por parte do leitor que não é fácil de descodificar. Assim, há um constante trabalho cognitivo a operar pelo leitor que não é despiciendo: tem, em primeiro lugar, que identificar a referência virtual, o conceito base, dos dois termos da palavra-mala; seguidamente,

e porque a actualização do referente não se faz a partir da soma dos sentidos dicionarizados, tem de recriar, em potência, um novo conceito para o novo referente de acordo com o contexto situacional. Semantica e pragmaticamente, a originalidade da palavra-mala vem de que ela significa sempre uma co-predicação: X, a palavra nova, é ao mesmo tempo A e B (Um *pedinchorão* é ao mesmo tempo *pedinchão* e *chorão*).

O leitor ao actualizar simultaneamente os valores polissémicos das duas palavras de base num valor monossémico determinado pelo contexto de enunciação está a determinar a acepção exacta da palavra-mala.

Esta coexistência mental entre as palavras de base e a consequente palavra recriada é fundamental para a eficácia do jogo literário. É graças à permanência simultânea no espírito do leitor dos dois paradigmas lexicais que o jogo dá prazer: prazer pela novidade, manifestamente efémera; prazer pelo exercício mental, incidentalmente lúdico.

2.2. O efeito das *fórmulas lexicalizadas*. O carácter semântico imutável, a integralidade dos elementos linguísticos e a sua ordenação são a condição própria da existência da expressão lexicalizada. Neste particular, o carácter composicional da lexia faz com que a situemos num âmbito aproximado das “palavras compostas”. Note-se que o sentido global da expressão lexicalizada não se explica totalmente pelo sentido das suas partes, como a sintaxe o autoriza: há associado a tudo isto, uma especificidade de que a análise sintáctica não pode dar totalmente conta e que, a este título, se pode dizer sentido “arbitrário”. Não se pode calcular completamente o sentido do todo a partir do sentido das suas componentes. Aqui o todo comporta um sentido irredutível ao sentido calculável a partir das partes.

Em *O Último Voo do Flamingo*, o processo de criação lexical também se faz a nível das expressões lexicalizadas. A manipulação repousa no facto de a lexia ser “deslexicalizada” por um processo de substituição de um dos seus termos por um outro alheio à fórmula. O resultado é o reencontro com o sentido pleno, literal, de todas as suas componentes e da sua combinação. A transformação de substituição é uma operação, que diria mental, muito interessante e extremamente precisa formalmente: substitui-se um elemento por um outro num contexto perfeitamente estável, tanto à esquerda como à direita do ponto onde tem lugar a substituição.

Nesta obra, cada substituição permite ir procurar o substituto num vasto campo de termos disponíveis em redor dum campo conceptual, marcado muitas vezes pela antonímia:

“(…) *mudam-se os tempos, desmudam-se as vontades* (…)” p. 50;

“(…) *passados a poente fino* (…)” p. 51;

“(…) *trocou as ideias por palavras miúdas* (…)” p. 67;

- “(...) *doenças* contaminosas (...)” p.77;
- “(...) *digna de* descrédito (...)” p. 127;
- “(...) *dos pés ao* cabelo (...)” p. 139;
- “(...) *por comum* desacordo (...)” p. 144;
- “(...) *devido ao* adiantado das linhas (...)” p. 174.

Como é dado verificar pelos segmentos citados, fez-se entrar um elemento exterior e estranho na fórmula lexicalizada. A intrusão faz desencadear um processo no qual o leitor deverá participar utilmente. Neste jogo, é preciso que ele encontre na sua memória enciclopédica (léxica) a fórmula lexicalizada e que proceda a uma substituição inversa àquela efectuada pelo escritor. Só assim ele prefigura os dois objectos linguísticos (o lexicalizado e o “deslexicalizado”) como não tendo o mesmo estatuto. A fórmula lexicalizada é reconhecida como inscrita no saber e na cultura colectivos e como fazendo parte das palavras e das frases que habitam em cada um dos falantes de uma determinada língua; a “fórmula deslexicalizada” torna-se numa pedra do jogo literário e sendo aqui que se joga toda a diferença.

Esta propriedade de se poder criar um enunciado novo por meio da neologia formal e semântica é notável, tanto do ponto de vista psicolinguístico – trata-se da força do traço memorial – como do ponto de vista ideológico – trata-se duma familiaridade profunda, culturalmente enraizada. É graças, pois, à coexistência das duas fórmulas no espírito do leitor que o jogo tem sucesso. De facto, o que sustenta a memorização simultânea das duas fórmulas na memória do leitor tem a ver com as características do léxico em geral: da sua forma semântica imutável para um sentido arbitrário, a partir das variadas relações (de antonímia, de sinonímia, de hiperonímia, de hiponímia, de holonímia, de meronímia) que estruturam fortemente as representações do mundo de cada sujeito falante.

Deste ponto de vista, a recursividade das operações é sempre possível: o leitor identifica a lexia da língua e, através dela e por via dela, identifica a “nova” lexia atribuindo-lhe um sentido no discurso.

Estrategicamente, em *O Último Voo do Flamingo*, a neologia não se fica pelo procedimento criativo das palavras-malas e pela deslexicalização de lexias. Os processos de derivação entram também neste jogo de articulação contrária e contraditória entre significação e designação. Este procedimento dissociativo-associativo permite criar novas palavras e exprimir de forma económica pontos de vista variados sobre a realidade ficcional.

2.3. O efeito do *processo de derivação*⁶. Também aqui a originalidade e o poder encantatório da neologia está no jogo construído sobre o constrangimento linguístico do lexema e a sua violação semântico-discursiva.

A selecção do léxico não constitui, pois, para cada palavra, a conversão normal da referência virtual (na língua) em referência actual (no discurso), mas em construir para cada referência ficcional uma outra referência virtual por meio da derivação. Numa palavra: neste processo de desconstrução criam-se novas palavras que só têm existência própria dentro do universo ficcional.

2.3.1. As palavras derivadas por *prefixação* (e os prefixos são vários) apresentam-se como um campo muito produtivo de significação.

O prefixo *in-* caracteriza-se por um assinalável campo de dispersão formal como é verificável nos enunciados seguintes:

"*Primeiro, acreditei.*", p. 43;

"(...) *lá bem nas profundezas onde só circulam bichos indomesticados.*", p. 127;

"*Ele bebeu dessa água salgada, cheia de alga e inorganismos.*", p. 128;

"*Intentei seguir no seu encalço.*", p. 148;

"*Se ele ficara inexplodível era porque beneficiara de uma bondosa protecção.*" , p. 180;

"(...) *ele amoleceu, insubstanciando-se no meio do chão.*", p. 215;

"(...) *tinha experimentado o inatentável (...)*", p. 220,

ou nas lexias seguintes:

"(...) *artista de invariedades (...)*", p. 29;

"(...) *medicina ilegal (...)*", p. 29;

"(...) *por descargo de inconsciência (...)*", p. 174.

O processo de derivação clássica (formação de palavras por meio de um afixo) é uma operação linguística que não causa embaraços e dúvidas ao sujeito falante. Ele tem consciência disso e conhece as suas regras. O que causa espanto, como é evidente no caso dos exemplos seleccionados, é que a prefixação realizada modula e modaliza a antonímia por meio de termos do léxico, quando as regras da língua, para estes casos concretos, autorizariam somente que essa transformação fosse concretizada a nível da estruturação sintáctica (*Primeiro, não acreditei* em vez de *ele ficara inexplodível*).

Ao criar-se uma nova palavra, neste caso da mesma classe, acentua-se ao mesmo tempo um efeito de novidade e a integração de termo renovado no conjunto do universo referencial ficcional. Esta espécie de derivação, que se pode dizer endocêntrica, modula e modaliza o sentido do termo, sem ter que se ater, em

⁶ RIO-TORTO, G. M. – *Morfologia derivacional: Teoria e Aplicação ao Português*, Porto, Porto Editora, 1998.

princípio, a uma mudança conceptual. O que muda é o traço semântico. Do pólo positivo (*acreditei*) passa-se para o pólo negativo (*inacreditei*). Este processo de contradição por oxímoro, criado pelas novas palavras, vem testemunhar a importância das relações binárias e polarizadas no nosso universo de pensamento.

Processo semelhante se passa com palavras derivadas por meio do prefixo *des-*.

A transformação ou recai no verbo:

"E desfalavam:.", p. 18;

"*Media-lhe as alturas, descomparando-a.*", p. 3;

"*Tinha que chegar antes que ela desmundasse.*", p. 50;

"(...) *não notara que ela já desvivia.*", p. 51;

"*Temporina ainda tentou evitar-lhe o gesto, mas desconseguiu.*", p. 63;

"*Era uma visão de desacerer, nem de humana forma se semelhava*", p. 107;

"(...) *ficava quente e o seu corpo se desconformava.*", p. 151;

"*Não estou a desarmar em esperto.*", p. 157;

"*Que eu sei e que desfaço de contas que não há provas.*", p. 172;

"*Também aqueles flamingos hasteavam seus pescoços, desfincavam os pés* (...)", p. 190.

Ou a transformação recai no nome:

"*Sou uma puta legítima. Não uma desmeretriz, dessas*", p. 31;

"*O italiano estava num desfarrapo.*", p. 42;

"*A vida, meu filho, é uma desilusionista.*", p. 49;

"*O que era preciso era avisar meu pai desse desacontecimento.*", p. 51;

"(...) *e virando-se para mim acrescentou com desmodos:*", p. 108;

"*Aquilo é um desnegócio para ela.*", p. 158;

"*Devia então comer aquele destroço. Para ser homem.*", p. 191;

"*Contra esses desgovernantes (...)*", p. 220;

Ou nas lexias seguintes:

"(...) *digno de descrédito (...)*", p. 127;

"(...) *por comum desacordo (...)*", p. 144;

"(...) *por botas e desatacadores (...)*", p. 173.

Ou a transformação recai, embora mais raramente, em adjectivos:

"*Como podiam soldados estrangeiros dissolver-se assim, despoeirados no meio das Áfricas (...)*", p. 32;

"*Temporina conduziu-nos ao longo de uma viela desiluminada.*", p. 64;

"*As aves desavisadas, murcharam.*", p. 117.

Em quase todos os casos, o termo resultante da transformação por prefixação, com *in-* e *des-*, encontra-se numa situação de disjunção exclusiva e, logo, de contradição com o termo base. O efeito é negar o conteúdo semântico de base à qual ele está ligado, de uma forma o mais económica e o mais sintética possíveis.

Estruturar lexicalmente a oposição é evitar o recurso à oposição de proposições por meio de articuladores textuais. Este critério tem efeitos discursivos, não só a nível da eficácia estrutural, mas sobretudo a nível da apreensão conceptual.

Também a operação de prefixação com *re-* tem lugar nesta obra, embora em número reduzido. A base é, normalmente, um verbo:

"Quando a poeira reassentou, ela ainda soslaiou um breve olhar na estrada." , p. 34;

"Ele rodou e rerodou, (...)", p. 94;

"Eles falam assim, citado e recitado", p. 97;

"Se escutavam apenas os dedos emagrecendo a farinha, molhando e remolhando a ufa no caril de peixe seco." p. 135;

"Tentou recomeçar, mas redesistiu.", p. 166;

"É que nós roubamos e reroubamos." , p. 216.

De notar que nesta transformação por prefixação por meio de *re-* o verbo entra muitas vezes em estruturas sintacticamente binárias, onde o verbo cumulativamente se repete e se intensifica com o prefixo *re-*. O mesmo acontece, aliás, com o prefixo *des-* que, em estruturas binárias semelhantes, a repetição do segundo verbo prefixado com *des-* traz à estrutura, em vez de um valor cumulativo, um valor de anulação relativamente ao verbo anterior:

"Ele mandava e desmandava (...)", p. 25 e

"(...) ficou por ali manchado e desmanchado (...)", p. 26.

A prefixação com *a-* e *ad-* marcam também presença neste texto em análise. As bases são diferenciadas e o prefixo é acrescentado quer a advérbios, a adjetivos (em simultaneidade com outras operações como a da sufixação), quer a verbos:

"-Não é você que fala afluente as outras linguas?", p. 19;

"Eu seguia as ordens, acachorrado com ele.", p. 37;

"Me acheguei, eu e o italiano nos compadreámos (...)", p. 41.

Em todos estes casos de prefixação, independentemente do prefixo, a palavra criada funciona semântica e pragmaticamente no enunciado em co-ocorrência com os elementos linguísticos cotextuais. Estes apresentam-se como auxiliares precisos na selecção do sentido, dos valores, estados ou processos da palavra nova. Os enunciados seguintes documentam a afirmação feita:

“*Eu era autoridade, não podia ficar ali destrocando conversa.*”, p. 78;

“*Era uma visão de desacerer, nem de humana forma se semelhava.*”, p. 107.

Os cotextos em que se inserem as neologias “destrocando conversa” e “visão de desacerer”, são a condição necessária para o levantamento de qualquer ambiguidade ou eventual hesitação interpretativa. A situação de enunciação joga, pois, um papel determinante na operação de destaque dos aspectos do novo semema, sem no entanto suprimir os outros que se prefiguram na mesma base. Daí o leitor ter de conciliar, por meio da correferência discursiva, a designação da palavra na língua e a ocorrência singular neste discurso específico. O papel que lhe cabe, o do reconhecimento da nova palavra, é uma operação com a qual qualquer falante se defronta em qualquer circunstância discursiva. Porque é nos discursos que os neologismos têm a sua génese. E o discurso literário, como é aqui o caso, não só não foge à regra, como impulsiona o desencadeamento de neologismos insólitos, facilmente lexicalizados neste discurso, embora dificilmente lexicalizáveis na língua.

Este fenómeno de criatividade linguística atinge o seu máximo com o fenómeno da sufixação. Com esta operação (que além da sua componente isocategorial – a base e o produto têm a mesma categoria verbal, tem uma vertente heterocategorial – o produto apresenta uma categoria diferente da de base), abrem-se todas as possibilidades criativas.

2.3.2. As palavras derivadas por *sufixação*. Sendo o sufixo um afixo que se coloca à direita da base, esta operação é acompanhada, geralmente, de uma mudança de categoria. A importância da sufixação advém das operações que lhe estão ligadas e dos efeitos semânticos que tal processo produz no léxico e conseqüentemente no discurso. Os procedimentos são vários: formam-se nomes a partir de nomes (nominalização denominal), nomes a partir de verbos (nominalização deverbal), nomes a partir de adjectivos (nominalização deadjectival), adjectivos a partir de nomes (adjectivalização denominal), adjectivos a partir de verbos (adjectivalização deverbal), verbos a partir de nomes (verbalização denominal) e verbos a partir de adjectivos (verbalização deadjectival).

A nominalização é um procedimento de sufixação deveras produtiva. A complexidade das operações que lhe estão ligadas e os efeitos semânticos que tais operações produzem no léxico e no discurso justificam o interesse que lhe dedicam os linguistas.

Nesta obra, as operações de sufixação, no geral, cumprem as regras para a afixação: o acrescentamento de um afixo à categoria da base e a previsibilidade do derivado. A diferença não está na operação efectuada, mas na anomalia da junção dos ingredientes. Efectivamente, associam-se afixos a bases que produzem derivados insólitos. Neste caso da nominalização os exemplos são vários.

Na nominalização denominal ($N \Rightarrow N$) acrescenta-se aos nomes, muitos deles já derivados, um sufixo nominal inesperado:

“(...) *tal era a verduragem que teimava em reocupar os espaços (...)*”, p. 49;

“(...) *o velho Sulplício me pedia para relatar minhas aventuras na barqueação.*”, p. 52;

“*Deveria dar a possibilidade ao corpo, encher-me na rebuçadura dela.*”, p. 79;

“*O povo não fala, mas estão nascendo falagens.*”, p. 85;

“(...) *seria aquilo um chamarisco?*”, p. 93;

“(...) *onde se acumulavam os vendedeiros.*”, p. 105;

“*A bicheza não visita lugar de gente.*”, p. 127;

“*E lá vinha a pernaltaria (...)*”, p. 191;

“*Matar os flamingos era uma prova de macheza (...)*”, p. 191;

“*Meu pai se arrastou, penoso, entre a caveiraria.*”, p. 217;

“*É que no meu rosto senti o quente bafo das infernezas.*”, p. 219.

Estas operações têm como resultado conferir ao discurso, e com uma significativa simplicidade sintáctica, uma grande densidade semântica.

Na nominalização deverbal ($V \Rightarrow N$) acrescenta-se ao verbo, normalmente de vogal temática em *-a* e mais raramente em *-i* e *-e* um sufixo nominal. Também aqui a estranheza radica no insólito das parcelas da operação da adição. O resultado é também um derivado inusitado:

“*E fez os dedos roçarem uns nos outros, sugerindo a tilintação do dinheiro.*”, p. 43;

“*Eis o âmbito deste meu relatório sobre o mais recente sucedimento.*”, p. 93

“(...) *a fumegação do meio-dia ia fazendo de tudo uma miragem.*”, p. 190;

“*Como se o rio Madzimadzi fosse o mar todo em desaguação.*”, p. 112;

“*Já apanharam o explodidor!*”, p. 125

O operador *-ção*, assim como *-mento* e até *-dor* são operadores muito produtivos e disponíveis para criar produtos novos.

Na nominalização deadjectival ($A \Rightarrow N$) acrescenta-se ao adjectivo um sufixo variável:

“*A putice é condenação eterna (...)*”, p. 84;

“*Agora, no distrito, só se ouvem estórias, contadeirices.*”, p. 97;

“*E disse que não tinha mão naquelas sobrenaturezas.*”, p. 201;

“*Foram-se, nunca mais hei-de ter direitura.*”, p. 221.

A nominalização, especialmente a nominalização que produz um nome derivado de verbo, permite substituir, de qualquer forma, um sintagma verbal. Em lugar do verbo, núcleo da frase, tem-se um nome cujo significante é formado pela adjunção de um sufixo à base que constitui o radical do verbo. A ausência das marcas temporais e aspectuais, consecutivas às escolhas de um nome antes que dum frase, confere à expressão onde está inserida a nominalização um carácter mais abstracto. Enunciar... *O âmbito deste meu relatório sobre o que sucedeu mais recentemente...* é narrar, eventualmente, um acontecimento; enunciar (...) *o mais recente* sucedimento (exemplo retirado da p. 93, da obra em estudo) é fazer um comentário. A nominalização permite encadear numa frase estruturalmente simples e concisa, uma série de afirmações hierarquizadas. Isto confere ao discurso uma grande densidade informativa e opinativa. Além disso, as nominalizações contribuem para a coesão do texto, uma vez que são constitutivas de retomas implícitas e/ou explícitas e são um contributo das isotopias discursivas.

O fenómeno da adjectivalização também é frequente em *O Último Voo do Flamingo*. Na adjectivalização denominal (N fi A) acrescenta-se ao nome um operador com valor de qualidade. O sufixo é *-oso* (a), mas também *ado* (a):

“*Chupango, todo manteigoso, bichanou no ouvido da prostituta (...)*”, p. 30;

“*Este se apresentou, continencioso.*”, p. 77;

“*(...) ele era um local, igual aos outros, mautrapilhoso.*”, p. 78 (aqui a adjectivalização assenta por sua vez numa outra operação: formação da palavra-mala *mautrapilho* – mau + maltrapilho);

“*Ou rectificando: os excelenciosos cumprimentos.*”, p. 99;

“*(...) era um tipo levado da broca, todo artimanhoso.*”, p. 108;

“*Assim, o peixe fica açucaroso.*”, p. 126;

“*É um turbo-diesel bastante acavalado.*”, p. 109;

“*Sombrado o tempo todo, boca e olhos encerrados a poeiras.*”, p. 131;

“*Até tudo ser neblina, tudo nuveado.*”, p. 223.

Na adjectivalização deverbal (V ⇒ A) há como que uma espécie de hiperbolização do sentido do derivado adjectival. Este fenómeno operacionaliza-se por meio de um sufixo inusitado para as bases ao qual o afixo se associa. Os sufixos são vários:

“*Estêvão Jonas pigarreou, atrapalhaço.*” p. 29;

“*Bom, isso é um pouco dificultoso (...)*”, p. 38;

“*As coisas que vou narrar (...) são de mais admirosas que nem cabem num relatório.*” p. 75;

- "Contudo fiquei pensageiro, oco, distante." p. 79;
"(...) mostrando um cansaço muito lamentoso." p. 174;
"Me subiu assim, sem preparo, mais salivoso que cachorro." p. 184;
"Ficou ali esparramorto, igual uma massa suspirosa (...)" p. 215;
"Ele, enduvidado, nem virou o rosto." p. 222.

Este fenómeno da conversão de um nome ou de um verbo em adjectivos criativos assenta na necessidade de se inventarem qualificações-predicações novas para mundos potenciais, embora referencialmente instanciados. Neste contexto especial, estes qualificativos intensivos adquirem direito de cidadania.

Mas, e continuando no algoritmo da análise da sufixação, verifica-se que a operação mais produtiva e mais insistentemente realizada é a da verbalização denominal ($N \Rightarrow V$) e a da verbalização adjectival ($A \Rightarrow V$).

Dos verbos que têm por base radicais nominais podem destacar-se os seguintes:

- "Vocabuliam-se *dúvidas*, instantaneavam-se *ordens*." p. 17;
"(...) *esquinas onde o meu destino se haveria de labirintoar*." p. 19;
"(...) *tossiu e metafisicou hipótese*." p. 28;
"*Esse o motivo por que a moça se solteirara até ao presente*." p. 68;
"*Ainda vi, se silhuetando longe, a minha casa natal, (...)*" p. 113;
"*Já na rua, me surpreendeu o povo balburdiando* ." p. 125;
"*Falou tudo de enfiado, rosariando palavra (...)*." p. 126;
"*Então esse mundo iria cambalhotar, com melhores nascimentos*." p. 138;
"*Digo isto por vistoria: não confianço em ninguém (...)*" p. 156;
"*Eu já me afectuava ao estrangeiro?*" p. 179 (interessante notar a palavra-mala de base que consiste na associação das palavras afectar + efectuar);
"*Eu via-o neblinar-se além dessa mancha rósea (...)*" p. 190.

Dos verbos que têm por base radicais adjectivais, também os exemplos são vários, mas em menor número:

- "*O italiano cabisbaixou-se e pediu desculpa*." p. 126;
"(...) *só para fazer suas esposas tontear*." p. 150;
"*À medida que ia avançando ficava quente e o seu corpo se desconformava*." p. 151;
"*Depois, apontando o esqueleto suspenso, se urgentou*." p. 216;
"*Ao contrário, mais as sujidades se definitivam*." p. 218.

A operação de verbalização, a partir de bases nominais e adjectivais, apresenta a vantagem de intensificar e de modular o sentido do nome ou do adjectivo por meio da introdução de traços processuais e aspectuais próprios à forma verbal criada.

Dizer que “a moça ficou solteira” não é o mesmo que dizer “a moça se solteirara”, ou “o italiano cabisbaixo pediu desculpa” não é o mesmo que “o italiano cabisbaixou-se e pediu desculpa”.

Neste jogo do vai-e-vem entre as palavras de base, providas de um valor denominativo na língua, e as palavras derivadas, consignadas neste discurso, tem de participar o leitor activamente. A sua capacidade está, não em converter o lexema da língua em vocábulo no discurso – que é a forma natural da actualização converter cada referência virtual criada numa referência actual circunstanciada –, mas em actualizar um referente criado especialmente para funcionar somente num discurso determinado. Embora o novo conceito criado se alimente de traços sémicos oriundos do(s) radical(is) de base, ele só sobrevive no seio para o qual ele foi criado e durante tanto tempo quanto durar a sua leitura.

Para esta dinâmica denominativa não contribuem somente os semas das palavras de base. Contribuem também fortemente os afixos que, embora não tenham valor denominativo, têm uma significação interventiva no valor determinativo das palavras derivadas. Assim é com o afixo que se coloca quer à esquerda da base, quer à sua direita, como foi dado verificar pela exemplificação proporcionada⁷.

2.4. O efeito da *derivação imprópria*. Processo de modificação de sentido por transferência de categoria gramatical, mas sem intervenção de marca sufixal. Neste caso concreto, de quase palavras gramaticais a nomes.

O fenómeno criativo em *O Último Voo do Flamingo* não se confina ao léxico da língua. Numa análise mais aturada, verificar-se-ia que a criatividade vai mais longe até ao ponto de se nominalizarem elementos gramaticais, como se atesta nos exemplos seguintes:

“(…) só ela sabe o onde da cada uma.” p. 159;

“O tempo é o eterno construtor de antigamentos.” p. 164;

“Era um homem que se entregava aos outros, capaz de outroísmos”. p. 164;

“O hoje como o ontem.” p. 165;

“No enfim de um infinito (...)” p. 167.

No fim de contas, nominalizar é nomear os elementos do mundo e através deles exprimir sensações, julgar seres e coisas. E se “cada coisa tem direito a ser uma palavra”, como diz o narrador-tradutor de Tizangara da obra em análise (p. 139), então será função do léxico cristalizar e incarnar no discurso o reportório de etiquetas lexicais ligadas a feixes nocionais. A base cognitiva que funda o

⁷ VILELA, M. – *Estudos de lexicologia do Português*, Coimbra, Almedina, 1994.

conhecimento do mundo do sujeito falante alimentar-se-á, efectivamente, do reconhecimento dos termos do léxico que, no texto, actualizam as unidades de codificação de eventos da vida tal como são estabelecidos no seio de uma dada comunidade.

Só que numa obra de ficção tal reconhecimento complica-se. Em *O Último Voo do Flamingo*, a compreensão do texto funda-se numa dupla operação de reconhecimento. A do quadro de base (script), que o termo lexical da língua acciona e a do quadro ficcional, que o termo vocabular do discurso gera. Para o reconhecimento destes dois quadros em sobreposição vai o leitor precisar de desenvolver as inferências necessárias e ultrapassar os vazios e implícitos.

3. Para bem se compreender a neologia neste romance há que perceber o contexto em que a intriga se desenvolve.

Sabe-se que a organização da representação do mundo do sujeito falante varia de uma cultura a outra e a actualização lexical em sequências de actos de transformação de estados interiores varia no tempo e no espaço. Assim é no mundo ficcional de *O Último Voo do Flamingo*.

Quando o tradutor de Tizangara se propõe transcrever “em português visível, as falas que aqui se seguem” e contar tudo “por ordem de minha única vontade” e por meio de “palavras que ainda não nasceram”⁸ está, de qualquer forma, a proporcionar um ambiente propício à criação de palavras novas.

A estória deste romance passa-se à volta de capacetes azuis, que no pós-guerra, vigiavam o processo de paz em Tizangara. O facto a investigar pelo italiano Massimo Risi é que os soldados das Nações Unidas começaram a explodir. E foram cinco. Mas o enigma a resolver incidia no facto de que, de cada explodido, restava sempre qualquer coisa: um pénis decepado.

Daí a resolução do caso insólito ter de passar pela intervenção aos vários níveis: sociais e culturais. Do administrador da vila (Estevão Jonas), do seu adjunto (Chupanga), da “administratiz” (D. Ermelinda) da prostituta da vila (Deusqueira) do tradutor-narrador, junto do italiano (que sempre recorda de “um brinquedo que tinha. Era um flamingo que construíra entre arames e panos que a mãe fantasiava em uma história), de sua mãe (para quem “os flamingos empurravam o sol para que o dia chegasse ao outro lado do mundo”), de seu pai Sulplício (para quem a voz dos flamingos é que orientava os pescadores perdidos), da velha Temporina (cara de velha, mas ainda nova), da D. Hortência (falecida, mas que aparecia na pensão, na forma de louva-a-Deus), do feiticeiro Zeca Andorinho (que afirma que “Para o que

⁸ Op. cit. p. 11,12.

havia de falar não há palavras em nenhuma língua. Só tenho fala para o que invento”⁹).

Desta intriga, conclui-se que era o administrador que mandava o enteado Chupanga pôr as bombas e fazer explodir os soldados estrangeiros, por razões de sobrevivência política.

No final do romance, e depois das várias peripécias em que cada personagem cumpre o seu papel, o tradutor-narrador, o pai Sulpício e o italiano Máximo encontram-se na margem do rio. De repente um grande fosso. Sulpício embarca numa canoa que ao afastar-se ia parecendo um flamingo. Máximo, por seu lado, escreve um último relatório para as Nações Unidas e diz que o país se evaporou num abismo “Escrevo nas margens desse mundo, junto do último sobrevivente dessa nação”¹⁰. Ele e o tradutor propuseram-se esperar por outro barco “Esperar por outro voo do flamingo. Há-de vir outro”.

Com a última folha do relatório que acabara de redigir fez Máximo um pássaro de papel e lançou-o sobre o abismo, questionando-se se a viagem em que o pai do tradutor tinha embarcado não teria sido o último voo do flamingo. Mesmo assim ficaram à espera de um outro tempo.

3.1. Num contexto ficcional fantasmagórico povoado de seres estranhos (Temporina, Hortênciã, Zeca Andorinho), de segredos por desvendar (da mãe, do pai do tradutor, de D. Ermelinda), de solidariedades estranhas entre as três mulheres (Ana Deusqueira, Ermelinda, Temporina), de situações insólitas (soldados “atropilados”, o desaparecimento, no fosso do rio, da vila de Tizangara...), de mundos extraordinários, havia que inventar palavras para os novos mundos numa espécie de contradição-condensação permanente entre significação e designação.

Este jogo entre significação e designação, que constitui o sentido lexical, conduz a todo o instante a relacionar semelhanças (sinonímia/antonímia), hierarquias (hiponímia/hiperonímia), partes-todo (meronímia/holonímia), solidariedades (toda as formas de metonímia). As virtualidades linguísticas e discursivas que estas relações semânticas oferecem, pelo destaque de um aspecto do semema sem, contudo, suprimir os outros, possibilitam efeitos particularmente interessantes neste discurso literário.

Só relacionando metonimicamente “tomatear-me”, não directamente com o

⁹ Op. cit. p. 158.

¹⁰ Op. cit. p. 223.

legume tomate, mas com a sua forma, se compreende a ironia sarcástica do enunciado seguinte:

“*Ou pior, que andava por aí a tomatear-me com homens ainda por cima acastanhados?*”, p. 96.

Ou só transformando sinonimicamente as lexias “entrar em pânico”, e “olhar de soslaio” em verbos simples se apreende a intencionalidade intensiva dos seguintes enunciados:

“*Estou preocupadíssimo, a ponto de panicar.*” p. 172;

“*Com a mesma superioridade nos soslaiou.*” p. 138.

Estes sentidos figurados, pacificamente existentes neste texto, produzem efeitos vários: testemunham condições de enunciações, em particular dos enunciadores (narrador ou personagens), de acordo com o seu propósito; asseguram a adaptação da língua à vida comunitária daqueles habitantes de Tizangara.

Sendo o léxico uma organização dinâmica e sendo a neologia um fenómeno linguístico de criação de palavras novas que enriquecem em permanência uma língua viva¹¹, estranho seria que ao leitor não fossem possibilitados esses instrumentos novos de apreensão de outros universos nocionais e de sensibilização a outros universos culturais.

Como diz Ana Harthely, para ir para além do óbvio, de “o que o mundo não tem / o que o mundo não diz / o que o mundo não é”, é preciso inventar palavras. E inventores que inventem essas palavras. Porque, como diz Mallarmé “(...) ce sont eux qui ont eu ces trouvailles admirables, ces mots ‘inventés’ qui nos ont permis de ‘voir’ et de ‘sentir’ les choses autrement.”

E é assim que o tradutor-narrador de *O Último Voo do Flamingo*, pelo viés da invenção-criação de novas palavras, possibilita ao leitor presenciar as “sucédências”¹² de Tizangara com outro olhar e com outro sentir.

Olivia Maria Figueiredo

¹¹ MORTUREUX, M.-F. – *La lexicologie – entre langue et discours*, Paris, Armand Colin, 2001.

¹² Op. cit. p. 11.